



A fagulha

Jornal do Coletivo Quebrando Muros
Ano 07 | nº12 | Agosto 2017

1917-2017

A LUTA CONTINUA

- QUEM SOMOS
- A OUTRA CAMPANHA
- REVOLTA POPULAR
- GREVE GERAL
- MOBILIZAÇÕES



**Quebrando
Muros**

PEDRO SCHMAL

f Coletivo Quebrando Muros
@ www.quebrandomuros.wordpress.com
✉ quebrandomuros@riseup.net



PEDRO SCHMAL

QUEM SOMOS?

O Coletivo Quebrando Muros é uma organização de esquerda libertária. Lutamos por uma sociedade em que não existam relações de exploração e opressão e apostamos em construir movimentos sociais com as características que queremos no futuro. Entendemos que as transformações sociais devem ser protagonizadas pelos diferentes setores do povo, organizados nesses movimentos, entre eles as e os estudantes e o movimento estudantil. Por entender que os movimentos sociais são as sementes da nova sociedade, lutamos para que se organizem de maneira **autogestivária, com democracia direta, solidariedade e independência de classe.** Nossa estratégia é fortalecê-los desde já para que ampliem seu campo de influência, aplicando força para conquistar direitos e costurando alianças entre os setores explorados e oprimidos do povo.

Chamamos esse processo de **construir Poder Popular.**

Assim, organizamos nossa atuação no terreno da luta de classes. Entendemos como classe os setores explorados ou oprimidos da sociedade, que estão em relação periférica para com quem detém poder econômico, político ou cultural, por exemplo. Nossa sociedade é fundada e mantida sobre contradições e conflitos constantes entre os de baixo, a classe explorada, e a classe dominante, opressora. É somente lutando ativamente pelos interesses e objetivos de todos os povos oprimidos que podemos alcançar verdadeira mudança social. Assim, entendemos o feminismo, o anti-racismo e demais formas de combate às opressões como movimentos sociais e que essas lutas precisam estar enraizadas em toda organização popular.

Acreditamos que a garantia, manutenção e conquista de nossos direitos acontece não pela boa vontade dos governos, mas sim pelo acúmulo de força social

obtido pelos movimentos sociais e pelas lutas do povo oprimido. **Portanto, apostamos no fortalecimento destes em oposição à disputa eleitoral.** Entendemos ainda que lutar por esses direitos não é aceitar migalhas do Estado, mas sim garantir melhorias na qualidade de vida que o povo oprimido precisa para já.

Nossa perspectiva sobre as eleições no Estado é de que **as urnas não são suficientes para reparar a desigualdade.** Outra eleição, outra cerimônia de posse e a persistência de problemas antigos. O tempo passa e as dificuldades permanecem as mesmas ou são agravadas. Os representantes que elegemos não defendem nossos interesses, os serviços públicos não são de qualidade e não alcançam toda a população. Diante de tantas injustiças, o Coletivo Quebrando Muros se organiza para participar da luta pelos direitos que são roubados de nós. Acreditamos que essa luta deve ser construída pela população e que somente o povo pode

decidir pelo povo, pois somos nós que vivenciamos as urgências em nosso cotidiano.

Surgimos na Universidade ao percebermos que o Movimento Estudantil também era hierárquico e autoritário, mas entendendo que é necessário compô-lo para lutar, por exemplo, por melhorias na qualidade de ensino, maior acesso e condições de permanência. Buscamos estar inseridos no máximo de lutas possíveis, somando força contra a exploração e a opressão. Procuramos inserção para influenciar a organização popular, necessária para a luta contra a injustiça, afim de que ela seja autônoma e combativa.

Só a força do povo unido e organizado pode quebrar os muros que construíram ao nosso redor!

A OUTRA CAMPANHA

HISTÓRICO

A Outra Campanha/La Otra Campaña é uma iniciativa política impulsionada pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), movimento composto majoritariamente por indígenas que por meio do levante armado de 1º de janeiro de 1994 ocupou diversas áreas, principalmente ao sul e sudoeste do México, formando diversas comunidades autônomas, muitas das quais sobrevivem até hoje com participação direta da população em sua administração. A fim de dar ouvidos e voz às reais demandas da população, o EZLN passou a realizar consultas públicas em todo o país, apostando na difusão de ideias autenticamente de esquerda e anticapitalistas e na propaganda da organização popular como forma de suprir nossas urgências, transformar radicalmente e conjuntamente nossa realidade e buscar a construção de Poder Popular.

Inspirados pelas companheiras e companheiros zapatistas do México, diversos movimentos e coletivos, inclusive atuantes no Brasil, passaram a convocar atividades sob o slogan de “Uma Outra Campanha” e “**Nossos sonhos/urgências não cabem nas urnas**”, sobretudo durante períodos eleitorais, apresentando a possibilidade de construir alternativas na política desde baixo, lado a lado com os movimentos sociais. O Coletivo Quebrando Muros foi o primeiro a construir atividades enquanto Uma Outra Campanha no Paraná a partir de 2012, ainda que restritas principalmente ao ambiente e público universitários.

A Campanha concretiza um projeto político de crítica às disputas eleitorais burguesas e construção de movimento autônomo pela base, além de universalização das reivindicações dos oprimidos, e busca pela construção de uma nova sociedade.

AOC - PARANÁ 2016

Em 2016 foi a primeira vez em que a construção d’A Outra Campanha no Paraná se deu de forma mais ampla. Ao contrário dos anos anteriores, em que apenas o Coletivo Quebrando Muros realizou atividades sob o lema d’A Outra Campanha, no ano passado houve uma convocação pública, feita pelo Movimento de Organização de Base (MOB-PR) para todas as organizações, movimentos sociais, coletivos e indivíduos que tivessem interesse na proposta de construção d’A Outra Campanha na capital paranaense.

A organização se deu por meio de assembleias abertas - a primeira ocorreu em junho de 2016 - que aconteceram com a periodicidade de

uma ou duas vezes ao mês, e nelas foi estabelecido um calendário de atividades, além de comissões para viabilizá-las. Inicialmente, esse calendário levou em conta o período de campanhas eleitorais, com previsão de acabar próximo às eleições municipais em outubro de 2016. Entretanto, a Campanha foi prolongada pela conjuntura de fortes mobilizações e embate político, em um contexto motivado não apenas pelas eleições, mas também pelo processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff e pelos projetos de ataque à classe trabalhadora.



PEDRO SCHMAL

PRINCIPAIS ATIVIDADES

- **Manifesto:** Durante as primeiras assembleias, foram elencadas as bandeiras e pautas imediatas que comporiam o Manifesto d’A Outra Campanha Paraná 2016, lançado em agosto e divulgado pela página “A Outra Campanha - PR”. As bandeiras possuem um sentido mais amplo, como “Transporte público, gratuito e de qualidade para todas e todos”, já as pautas dizem respeito às medidas mais urgentes, como o passe livre para estudantes e desempregados.
- **Assembleias Populares:** As Assembleias Populares, que aconteciam em lugares com grande circulação de pessoas, tinham como objetivo instigar a população a falar sobre suas necessidades, as eleições e a conjuntura

política de modo geral. Nelas foram lidos trechos de nosso manifesto e propagandeada a ideia de que apenas a auto-organização do povo é capaz de trazer melhorias.

- **Muralismos:** O muralismo é uma corrente artística caracterizada pela execução de grandes pinturas murais sobre temas populares, difundido principalmente em países latino-americanos – alguns apresentando características estéticas específicas. Em Curitiba, realizamos um muralismo propagandeando a pauta “Pela Liberdade de Rafael Braga”. Além disso, durante as ocupações secundaristas, foram realizadas duas oficinas de muralismo chileno em conjunto com o MOB-PR, levantando pautas estudantis.

• **Colagem de Lambe-Lambes:**

Os lambes nada mais são do que cartazes colados em locais de grande circulação, podendo ser artísticos ou com o intuito de divulgação de alguma mensagem, geralmente de cunho político. A Outra Campanha desenvolveu uma série de lambes abordando principalmente nossas pautas.

• **Apresentação em Universidades:**

Apesar do objetivo em realizar apresentações d'A Outra Campanha em diversas Universidades, apenas na Faculdade de Artes do Paraná (FAP) ocorreu – isso porque demos prioridade à atuação nas escolas ocupadas.

• **Sarau – Pela Força das Ruas:**

O Sarau ocorreu em outubro de 2016, buscando fortalecer a cultura de rua e o trabalho de artistas independentes. Para isso, unimos forças com o Centro Cultural Humaitá, coletivo de cidadãos que tem por objetivo o desenvolvimento de estudo, pesquisa e ações afirmativas envolvendo a arte e a cultura afro-brasileira e africana. O evento foi realizado nas Ruínas de São Francisco, no Largo da Ordem, e contou com a participação de diversos grupos de rap de Curitiba, além de Matinhos e São Paulo com o lançamento do CD Rap Plus Size das rappers Issa Paz e Sara Donato.

ATUAÇÃO NAS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS

A Outra Campanha teve papel fundamental nas escolas que acompanhou, oferecendo rodas de conversa sobre a PEC 241 e a MP de Reforma do Ensino Médio, cine-debates, oficinas de teatro, muralismo e autogestão. Além dessas atividades, realizamos algumas tarefas mais pontuais, como recolher e distribuir doações de alimentos, produtos de higiene, limpeza e primeiros socorros. Também prestamos apoio na segurança das escolas, além do acompanhamento cotidiano.

Tudo isso contribuiu para mostrar às e aos estudantes a importância de estarem organizadas/os e mobilizadas/os, à contramão da política representativa.

Essa política se manifesta também dentro do movimento, nas entidades que mesmo afastadas da base, tentam representar e negociar em nome das/os estudantes. Um importante saldo dessas discussões foi perceber que os secundaristas já têm a consciência de que são uma classe e que unidos possuem muito mais força.

ATUAÇÃO NOS ATOS

No início de nossa Campanha, as únicas manifestações que estavam acontecendo em Curitiba levantavam a pauta do “Fora Temer” e seus participantes defendiam duas reivindicações principais: a volta de Dilma à presidência ou a convocação de eleições gerais. Por não acreditarmos que a defesa de governos ou que a via eleitoral sejam meios efetivos de garantir os nossos direitos, não compusemos tais atos.

//

Portanto, estar organizado contra esses ataques e não apenas contra uma peça do jogo [...] é fundamental e urgente.

//

Vale ressaltar que **as medidas apresentadas por Michel Temer apenas dão continuidade e aceleram um processo já em curso nos governos anteriores.** Não acreditamos que o impeachment da presidenta

eleita democraticamente nas últimas eleições anuncie o fim da democracia burguesa, mas apenas a manutenção dela, colocando em disputa não dois projetos de governo opostos e sim quais grupos políticos estarão à frente de um mesmo projeto – fundamentado no ataque ao nosso povo – ainda que todos os grandes partidos tenham participação garantida nele.

Portanto, estar organizado contra esses ataques e não contra apenas uma peça do jogo em que o povo sempre sai perdendo é fundamental e urgente.

Não devemos nos esquecer do quanto um governo dito de “esquerda” é capaz de burocratizar os movimentos sociais e sindicais aparelhados a ele e de desmobilizar e até mesmo criminalizar os movimentos autônomos, o que gerou consequências que são fortemente sentidas em um momento como o que vivemos.

Depois que as manifestações passaram a levantar pautas concretas (contra a Reforma do Ensino Médio e a PEC 241) e não mais o simplório “Fora Temer”, começamos a compor os atos e disputá-los com faixas, panfletos e palavras de ordem combativas e autônomas, sendo visível o processo de radicalização pelo qual os atos passaram. ■

DEIXA PASSAR A REVOLTA POPULAR!

O QUE APRENDEMOS COM AS MANIFESTAÇÕES DOS ÚLTIMOS ANOS

Durante a última década, tivemos um governo em nível federal voltado para um projeto de conciliação de classes, sendo esse centrado nas figuras de Lula e Dilma do Partido dos Trabalhadores (PT) e que pode ser caracterizado por algumas grandes marcas: ao mesmo tempo em que se **investia minimamente em programas sociais, quase todos eles beneficiavam de alguma maneira grandes grupos empresariais** que aumentavam

seus lucros e regalias a cada ano; além disso, outra grande característica desse projeto político é o **aparelhamento de movimentos sociais e sindicais** por meio de sua burocratização e da atuação eleitoreira dentro deles.

Na educação, foram implantados programas como REUNI (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), PROUNI (Programa Universidade para Todos) e FIES (Fundo de Financiamento Estudantil) que, apesar de expandirem

o acesso ao ensino superior, não garantem qualidade de ensino e priorizam aumentar o lucro de instituições privadas à investir em instituições públicas – com estruturas cada vez mais precárias e sofrendo com cortes de investimento. Esses programas visam alinhar o ensino superior do país às diretrizes da classe dominante, como as recomendadas pelo FMI e o Banco Mundial, que influenciam a política macroeconômica brasileira em seus diversos setores.

Para além dos ataques à educação e à saúde – como a implementação da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH) e o fortalecimento das parcerias público-privadas –, outros serviços públicos também são atingidos pela indecente relação entre os poderes político e econômico, a exemplo do transporte coletivo das cidades brasileiras, refém das chamadas máfias do transporte que mandam e desmandam nos valores das tarifas de ônibus. Em 2013 não foi diferente, mas essa indignação corriqueira se somou



PEDRO SCHMAL

ao apelo causado pela repressão policial sofrida por manifestantes de grandes capitais como Porto Alegre e São Paulo que protestavam contra o aumento das passagens e foram brutalmente atacados pelas Polícias Militares. Tudo isso desencadeou centenas de manifestações em todo o país, conhecidas como as Jornadas de Junho, que levaram milhões de pessoas, principalmente jovens, às ruas.

Nas Jornadas de Junho, as pessoas se auto-organizavam nos seus locais, insatisfeitas com a submissão dos movimentos tradicionais a partidos eleitoreiros e com a estrutura verticalizada desses movimentos. Em Curitiba, a organização autônoma que construiu e articulou as manifestações contra o aumento da tarifa foi a Frente de Luta Pelo Transporte, aberta e horizontal, que após um protesto com mais de 20 mil pessoas conseguiu diminuir a tarifa na cidade.

A massificação dos protestos assustou a mídia, os políticos e a burguesia, mas também sacudiu as velhas burocracias da esquerda institucional que por tanto tempo aparelhou os movimentos.

O Estado reprimiu violentamente e criminalizou os manifestantes, sobretudo a chamada tática Black Bloc que se propõe a fazer uma mínima defesa da manifestação contra a repressão policial. Dezenas de pessoas foram presas, investigadas e processadas, com incontáveis casos de flagrantes forjados e falsas acusações endossadas unicamente por depoimentos de policiais.

// A série de ocupações de escolas [...] lembrou a importância de lutar contra ataques concretos e de resgatar a combatividade e a autonomia de nossos movimentos. //

O jovem negro Rafael Braga, catador de latinhas, passava por uma manifestação no Rio

de Janeiro quando foi detido e acusado de portar material explosivo, quando na verdade levava apenas um Pinho Sol e segue preso até hoje. Ele é o único condenado das manifestações de junho de 2013, ainda que diversos processos contra manifestantes ainda estejam correndo: caso dos 23 ativistas do RJ presos na véspera da final da Copa do Mundo e de sete militantes do Bloco de Luta Pelo Transporte Público de Porto Alegre, que devem ser julgados ainda este ano.

O ano de 2014 foi marcado por atos contra a Copa do Mundo que denunciavam as remoções forçadas, as obras superfaturadas, as medidas impostas pela FIFA, o superinvestimento em aparato repressivo, o decreto que autorizava intervenção das Forças Armadas nas manifestações e a tentativa de aprovar às pressas a Lei Antiterrorismo - sucedida apenas em 2016. O ano seguinte, **2015, também contou com manifestações e ocupações contra os cortes bilionários de Dilma no investimento em serviços públicos** (a 'pátria educadora' cortou R\$ 7bi da educação) e contra a aprovação do PL

//

... somente a ação direta pode instrumentalizar a classe oprimida para modificar sua realidade...

//

4330/2004 que permitia a terceirização das atividades-fim das empresas do setor privado. Enquanto isso, os governistas alegavam que qualquer crítica a ataques do governo Dilma era "fazer o jogo da direita".

Nesse contexto começaram a surgir manifestações "verde-amarelas" pedindo a saída de Dilma. Algumas dessas manifestações foram numericamente tão grandes quanto as Jornadas de Junho, mas ao contrário do que ocorreu em 2013, os atos "Fora Dilma" não eram construídos por setores populares, mas convocados por organizações financiadas por partidos de oposição e por instituições detentoras de grande poder e influência econômica. Amplamente divulgados pela grande mídia, essas manifestações se aproveitavam do descontentamento coletivo para apontar que o problema seria meramente a "corrupção" e, a solução, o impeachment de Dilma. Consumada em meados de 2016, a mudança de governo foi legitimada por essas manifestações.

Depois do impeachment, foram os protestos pelo "Fora Temer" que ganharam o Brasil. Essas manifestações defendiam majoritariamente duas reivindicações: a volta de Dilma à presidência ou a convocação de eleições gerais, mostrando a opção pela defesa do funcionamento da democracia representativa no Estado ao invés de propôr como questão central a luta contra os cortes e por direitos.

Não acreditamos que o impeachment da presidente eleita nas últimas eleições anuncie o fim da democracia burguesa, mas apenas a manutenção dela, colocando em disputa não dois projetos de governo opostos e sim quais grupos políticos estarão à frente de um mesmo projeto - fundamentado no ataque ao nosso povo - ainda que todos os grandes partidos tenham participação garantida nele.

A série de ocupações de escolas promovidas por estudantes secundaristas que sacudiu todo o Paraná (que teve cerca de 800 escolas ocupadas das mais de 1000 em todo o Brasil) contra a Reforma do Ensino Médio e a PEC 241 (que congela em 20 anos os investimentos em serviços públicos) lembrou **a importância de lutar contra ataques concretos e de resgatar a combatividade e a autonomia de nossos movimentos**. Os últimos meses de 2016 e os primeiros meses de 2017 foram marcados por manifestações contra os ataques aos nossos di-

reitos (além dos já citados, lembramos também da Lei da Terceirização e das reformas previdenciária e trabalhista), inclusive com paralisações nacionais e grandes protestos em Brasília durante votações na Câmara e no Senado.

Ocupar a rua é muito mais que um ato performático e somente a ação direta pode instrumentalizar a classe oprimida para modificar sua realidade e suprir as necessidades vivenciadas em seu cotidiano. Não faz sentido realizar atos culturais e showmícios enquanto

sofremos com a ataques que retiram direitos conquistados por décadas de lutas – a não ser que as direções das organizações que convoquem tais atos não sofram diretamente com isso e tenham como objetivo principal a construção de candidaturas. A esquerda tradicional tem muito mais a aprender com os estudantes que ocuparam escolas de todo o Paraná (o que inclui cidades do interior, das regiões metropolitanas e das periferias e não apenas escolas centrais e da capital) e com os jovens que, com toda a sua revolta - ainda que pouco organizada - lutavam por uma

vida sem catracas a partir de junho de 2013. A relutância em admitir esse aprendizado talvez se apoie no fato de que grande parte desses jovens rejeita as velhas entidades representativas e organizações verticalizadas.

Deixa passar a revolta popular! Seguimos firmes!

//

Ela é mais que o asfalto onde eu piso

Ela é o caminho que nos leva à liberdade

Quando os povos oprimidos a conquistam

É a parte mais bonita da cidade

É ela quem escuta os nossos gritos

O riso, o choro, o lamento de dor

As bombas, disparos, os golpes brutais

De quem pratica a guerra e fala em paz

Ela é dos cantos, das batucadas

É o povo unido quem a detém

É das bandeiras, das barricadas

Ela é de todos porque é de ninguém

Não é dos chefes, nem dos patrões

Não é uma posse, não é um bem

Nem dos Estados, nem das nações

Ela é de todos porque é de ninguém

//

Hino à Rua (2013)

GREVE GERAL SE CONSTRÓI DESDE A BASE!

O ano de 2017 já se inicia de maneira conturbada no Brasil depois de longos meses marcados pelos movimentos de ocupações e grandes manifestações contra a PEC 55 e a Reforma do Ensino Médio. Com a perspectiva de aprovação das reformas da Previdência e Trabalhista se torna ainda mais essencial retomar a memória operária do povo brasileiro e relembrar os processos de luta pelos direitos trabalhistas. **Neste ano comemoramos os 100 anos da primeira Greve Geral do país, ocorrida em 1917**, mas é necessário entender esta greve não como um

evento isolado e sim como algo que foi gestado na base dos movimentos operários. O início do século XX foi um momento de intensificação da luta por direitos, marcado por greves e mobilizações com grande influência das ideias anarquistas trazidas por imigrantes europeus (sobretudo italianos). Essas mobilizações reivindicavam uma carga horária máxima de trabalho diário, um salário mínimo, a regulamentação do trabalho infantil, entre outras coisas que eram inexistentes na época.

A Greve Geral de 1917 foi fruto da organização do movimento operário que, apenas por meio

do trabalho de base contínuo, conseguiu aglutinar forças pra realizar ações combativas e efetivas contra o patronato. Dentro desse contexto, cabe ressaltar que a pauta que iniciou o ciclo de paralisações em 1917 foi o cansaço de diversas operárias de uma fábrica têxtil com relação aos frequentes assédios que sofriam dos homens que assumiam cargos superiores. O movimento operário na época organizava-se de forma independente do Estado, o que foi bastante positivo para formar um movimento autônomo e autogerido. Esse movimento autônomo foi essencial

para criar uma identificação dos trabalhadores enquanto classe, pois é ombro a ombro que a luta ganha forças e obtém resultados.

A ilustração na capa retrata Espertirina Martins, em um evento que marcou a história da luta de classes no Brasil, durante a Greve Geral de 1917. Quando uma manifestação de rua em Porto Alegre foi fortemente reprimida pelo Estado, em meio ao confronto, a jovem arremessou em direção à cavalaria um bouquet de flores que ocultava uma bomba. A explosão que resultou foi decisiva para garantir a vitória do povo sobre as



forças repressivas do governo naquele momento, e para consolidar e garantir as conquistas da greve: jornada de 8 horas, proibição do trabalho infantil e aposentadoria, entre muitas outras.

Passados 100 anos dessa grande Greve Geral, nos encontramos em um momento emblemático para a luta dos movimentos sociais. **O governo atual tem como pauta acelerar e intensificar os cortes de direitos que já faziam parte da agenda política do Partido dos Trabalhadores**, golpeando a classe trabalhadora de forma constante e sucessiva. Direitos que foram conquistados mediante muitas mobilizações e do sangue e suor dos operários brasileiros são hoje cortados por meio de diversas medidas como as reformas da Previdência e Trabalhista e as aprovações da Lei da Terceirização para todas as atividades, da PEC 55 (que congela os investimentos nos serviços públicos) e da MP 746 (que precariza ainda mais a formação básica dos filhos da classe trabalhadora). Diante desse cenário nefasto, os movimentos sociais vêm enfrentando inúmeros retrocessos que só podem ser barrados por meio de uma luta travada desde a base e pela esquerda.

No entanto, décadas de burocratização das lutas pelas grandes centrais sindicais e a prática da cooptação de dirigentes de grandes movimentos sociais por partidos que se dizem de esquerda, como o PT, têm desmobilizado o povo e dificultado a construção da resistência contra estes ataques. Estão cada vez mais frequentes as intervenções de organizações ditas de esquerda que não visam verdadeiras mudanças estruturais e que propõe canalizar a revolta em eventos e manifestações performáticas que só servem para gritar “Fora Temer”, sem trazer avanços concretos para as demandas da luta social. **Sem se preocupar com trabalho de base e a construção real dos movimentos, percebemos que a atuação dessa esquerda eleitoreira consegue despolitizar os atos além de não afetar os setores dirigentes do Estado.**

No início deste ano, direções das maiores centrais sindicais do país lançaram, conjuntamente, a proposta de uma suposta “Greve Geral” para o dia 28 de Abril. **Apoiamos e defendemos a necessidade de uma Greve Geral que faça as classes dominantes recuarem em seus ataques, mas entendemos que essa proposta não representava**

uma Greve Geral, mas sim uma paralisação. Olhando desde baixo e à esquerda, fica claro que uma paralisação de alguns setores com hora para acabar é insuficiente para enfrentar o tamanho dos desafios que os trabalhadores têm pela frente.

//

... os movimentos sociais vêm enfrentando inúmeros retrocessos que só podem ser barrados por meio de uma luta travada desde a base e pela esquerda.

//

Para essa mesma direção caminha um movimento que tem se tornado frequente nas ruas e nas mídias sociais de pedidos pelo “Fora Temer” e “Diretas Já” – pauta que faz alusão ao movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil que ocorreu na década de 1980. No entanto, **entendemos que as eleições não constituem uma alternativa real de mudança, visto que o sistema representativo não serve aos interesses do povo**, mas sim

aos do capitalismo e das classes dominantes – políticas e empresariais.

O que percebemos agora de maneira mais evidente são as muitas contradições que o Estado não consegue controlar. As denúncias que o setor libertário sempre tornou públicas nunca estiveram em tamanha evidência: **a democracia representativa sempre foi uma farsa e têm como pano de fundo os interesses das grandes instituições privadas.**

Portanto, **o que ressaltamos novamente é que a saída é só uma: a luta pela organização da base.** Não é uma personalidade, democraticamente eleita ou não, quem salvará a classe trabalhadora, os camponeses, os negros, os indígenas e a população periférica. É somente tomando para si a ação direta, com trancamentos de ruas, ocupações, catrações ou intervenções urbanas organizadas pela base, é que a luta pode ganhar força contra as medidas anti-povo.

Por movimentos sociais combativos! Contra o fim da Previdência! Contra a Reforma Trabalhista! O Poder Popular é que construirá uma outra via!

2016: REBELDIA ORGANIZADA INFLAMA O PAÍS

O ano de 2016 foi um ano histórico de lutas no Brasil, e principalmente no Paraná. As principais pautas que motivaram as mobilizações foram a PEC 241/55 e a MP 746 (reforma do ensino médio), que vieram como projeto do governo para precarizar os serviços públicos, abrindo espaço para uma expansão sem precedentes da iniciativa privada no país. O Coletivo Quebrando Muros esteve presente nesses processos, lutando lado a lado com as/os estudantes e as/os trabalhadoras/es, principalmente em relação às mobilizações dos estudantes secundaristas e universitários, na UNESPAR e na UFPR. Apresentamos aqui a síntese de um material mais aprofundado, que será publicado posteriormente.

MOVIMENTO SECUNDARISTA

Não é de hoje o interesse do Estado em precarizar a educação pública. Em 2016, esses interesses vieram na forma da MP 746, que propôs a retirada de matérias da área de humanas do currículo obrigatório, introdução do ensino técnico, aumento da carga horária, entre outras medidas. **Frente a esse ataque, os estudantes responderam à altura: ocuparam seus locais de estudo e exigiram a retirada dessa Medida Provisória e um ensino público de qualidade.** O movimento teve início em São José dos Pinhais, mas logo se espalhou por todo o país. Mais uma vez ficou claro o oportunismo de entidades estudantis como a UPES (União Paranaense dos Estudantes Secundaristas) e UJS (União da Juventude Socialista), que utilizavam dos movimentos para autopromoção, não construíam o movimento pela base e boicotavam espaços de organização

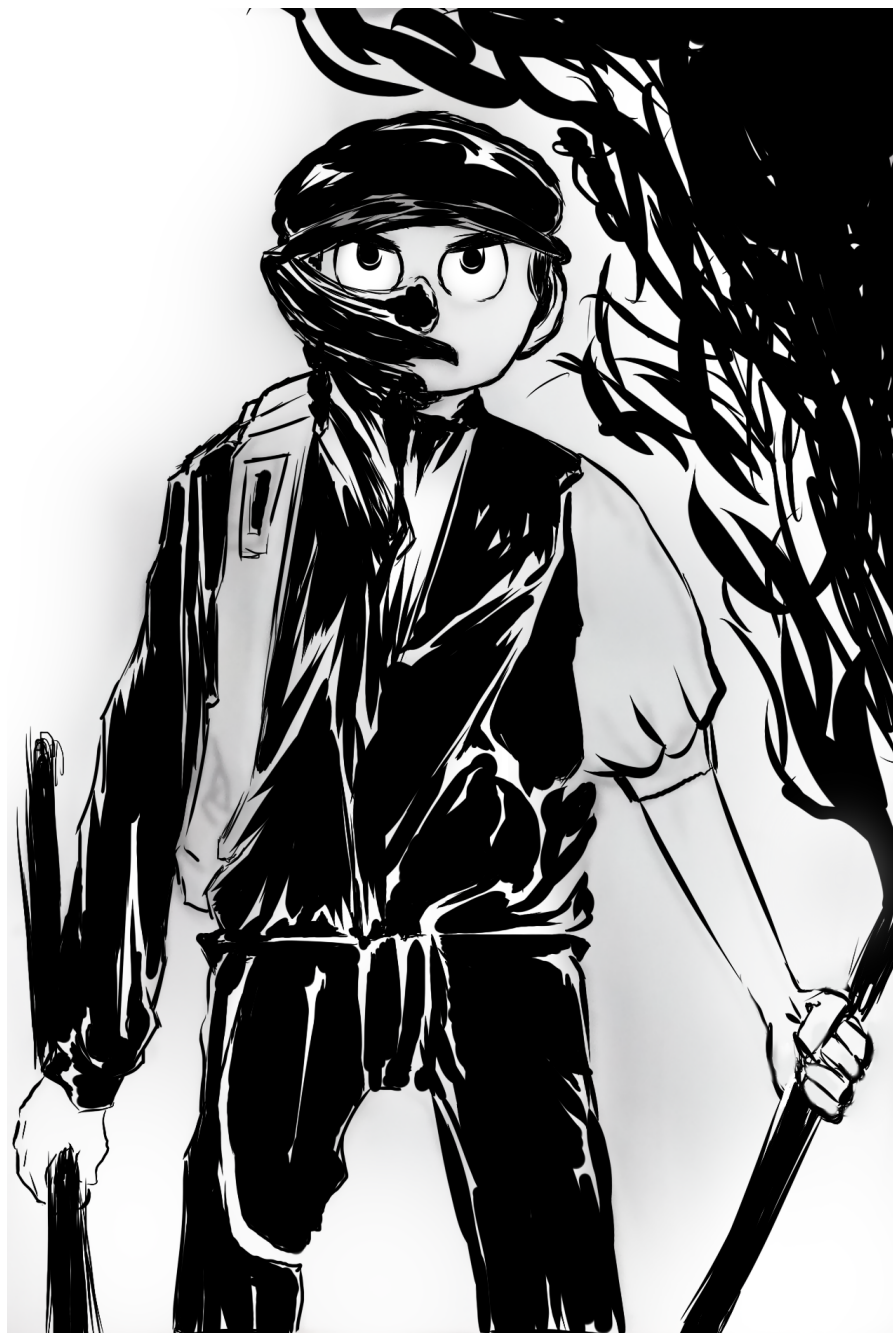
horizontais. Além disso, houve forte repressão do governo estadual e federal, através tanto da polícia quanto de campanhas midiáticas, buscando influenciar a população a se voltar contra os jovens. Apesar disso, **nos diversos locais, desde os centrais até os periféricos, prevaleceu a organização de base e movimentos autônomos,** com alunos interessados em lutar pelos seus direitos sem depender de partidos ou governos, e muito apoio das comunidades. **Juntos, os secundaristas construíram o maior movimento de sua história, com mais de 800 escolas ocupadas no Paraná, e mais de 1000 em todo o país.** A diversidade de experiências e o longo período de luta aponta para novos horizontes de organização e mobilização!

Avante, secundas!

UFPR

O movimento estudantil da UFPR se fortaleceu e espelhou muito na mobilização secundarista, e o resultado foi um movimento de enormes proporções, inédito na Universidade, motivado pela luta contra a PEC 241/55 e a MP 746. Houve assembleia geral dos estudantes com mais de 1100 alunos, em que foi deflagrada greve estudantil, com dezenas de cursos em greve e ocupando seus locais de estudo. Diferente

de outros momentos, a mobilização não partiu apenas dos estudantes do centro, e ocorreu com força em locais historicamente conservadores como os Campi Centro Politécnico e Jardim Botânico, onde foram realizados atos fechando vias estruturais da cidade, como a BR-277. Além disso, os estudantes foram protagonistas do movimento, não esperando uma greve dos professores (que inclusive não foi deflagrada) para agir.



UNESPAR

Na Universidade Estadual do Paraná, que tem diversos campi espalhados pelo estado, houveram ocupações e mobilizações, tendo como pautas a resistência aos ataques e condições dignas de ensino. **Foram mais de 40 dias de ocupação na FAP e na EMBAP - o movimento de ocupação que por mais tempo resistiu.** Durante esse período foram realizados diversos debates, palestras, cine debates e ações de rua - como apresentações de música e dança, objetivando a ampla divulgação da situação da Universidade e dos ataques que representam a PEC 241 e a MP do Ensino Médio.

Por meio da Plenária Estudantil Unificada, foram realizados espaços, panfletagens e atos unificados junto com estudantes da UFPR, UTFPR e secundaristas.

Infelizmente as pautas nacionais não foram vencidas, mas algumas vitórias locais do movimento foram o repasse das verbas de custeio necessárias para o término do ano letivo e a implementação de bolsas de auxílio permanência para estudantes de baixa renda no início de 2017.